

A ESTRUTURA DA VIDA COTIDIANA: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DO PENSAMENTO LUKACSIANO

*Lúcia Cortes da Costa**

RESUMO

O que propomos neste trabalho é uma discussão do cotidiano, tendo como suporte as reflexões de Lukács, pensador marxista, que buscou entender a articulação entre vida cotidiana e as objetivações da arte, ciência, magia e religião, a partir do paradigma do trabalho. O cotidiano tal como Lukács o descreve, é marcado pela heterogeneidade, imediaticidade, superficialidade extensiva e um materialismo espontâneo. Dada a sua complexidade, o cotidiano tornou-se objeto de estudo dentro das ciências sociais. A análise da natureza dos processos que ocorrem dentro da esfera do cotidiano, ainda é um desafio na compreensão da dinâmica da sociedade moderna. Assim, buscamos seguir as reflexões de Lukács arriscando-nos a pensar, a partir de suas colocações, o cotidiano da sociedade capitalista.

PALAVRAS-CHAVE

cotidiano, trabalho, sociedade

Introdução

O cotidiano configura-se como um objeto de estudo dentro das ciências sociais, devido à importância de entender a ação do homem neste âmbito, que ainda é um universo a ser descoberto, analisado e interpretado.

Dentre os autores marxistas, Lukács é um dos teóricos que trabalhou a temática do cotidiano e que influenciou toda uma geração

* Docente do curso de Serviço Social da UEPG. Doutora em Serviço Social pela PUC/SP.

de pensadores, a partir das categorias de análise que identificou. Agnes Heller é um dos exemplos mais concretos da influência lukacsiana na tematização do cotidiano¹, embora, a partir da década de 1970, sua obra teórica apresente nova perspectiva de análise, distanciando-se do marxismo.

Propomos, neste trabalho, a discussão do cotidiano, tendo como suporte as reflexões de Lukács, especialmente as do livro *ESTÉTICA I*, de 1963, onde ele busca entender a articulação entre vida cotidiana e as objetivações da arte, ciência, magia e religião, a partir do paradigma do trabalho. Centramos nossa análise na articulação entre a esfera do cotidiano e as objetivações da ciência e da arte a partir do paradigma do trabalho². Este texto introdutório busca colocar indagações, sem a pretensão de apresentar certezas teóricas sobre a análise do cotidiano. A importância em resgatar o pensamento de Lukács é devido a sua contribuição na elaboração teórica sobre o cotidiano, fundamentada numa análise histórico-crítica que possibilita resgatar a dialécticidade entre as diversas esferas da vida humana, sem cair numa postura de isolamento do cotidiano como espaço do engano e do utilitarismo vazio de sentido.

I) A estrutura do pensamento cotidiano

Lukács identifica três determinações fundamentais presentes no pensamento cotidiano, a imediatividade, a heterogeneidade e a superficialidade extensiva³.

O homem da vida cotidiana reage sempre com os objetos em sua volta de um modo espontaneamente materialista, independente de como se interpretem logo essas relações do sujeito e da sua práti-

¹ Especialmente: HELLER, Agnes "O cotidiano e a história". 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

² O recurso às citações do texto original deve-se à preocupação em demonstrar o pensamento de Lukács e, ao mesmo tempo, buscar fidelidade na interpretação do tema, a partir de sua proposta teórica

³ Conforme o livro "Estética I" de Lukács. José Paulo Netto expõe a análise de Lukács sobre o cotidiano no texto: "Para a crítica da vida cotidiana", parte do livro escrito em conjunto com Maria do Carmo Falcão: *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez. 1987.

ca (Lukács, 1963, p.46).

Na sociedade moderna, os saberes incorporados ao cotidiano dos indivíduos são funcionais às atividades práticas e imediatas, servem para que o indivíduo “funcione bem” no seu cotidiano. A superficialidade extensiva faz das ações cotidianas meras reproduzidas da “normalidade” da vida de cada indivíduo. Coexistem, de forma absolutamente tranqüila, na consciência pragmática do homem do cotidiano, representações de mundo contraditórias em si, sem ao menos ter-se clara essa questão, pois o saber cotidiano é heterogêneo.

Com toda comodidade, sem que a contradição chegue sequer a aparecer subjetivamente, pode coexistir a consciência humana com representações idealistas, religiosas, supersticiosas, etc. (Lukács, 1963, p.49).

Assim, a contraditoriedade do cotidiano nos leva a pensar em como se articulam os diferentes saberes que o informam; como permanecem vivas no imaginário social as teorias místicas ou transcendentais, mesmo após todo desenvolvimento do saber científico, já incorporado na vida cotidiana moderna.

Este fenômeno de mistificação da vida, a busca de “energias transcendentais” e a existência de aspectos incompreensíveis ao homem do cotidiano, marcam um novo irracionalismo na sociedade da modernidade tardia.⁴ A falta de conhecimento e entendimento da gênese e causalidade dos processos sociais, devido a complexidade da vida social, favorece a construção de explicações contraditórias sobre a vida cotidiana.

A autonomização do processo social frente ao indivíduo singular, a dificuldade dele se reconhecer nas objetivações humano-gênicas, fato amplamente posto pelo processo alienante da dinâmica social, cria para as representações mentais elaboradas no cotidiano, um novo quadro de legalidade. Há um descrédito das capacidades da razão, devido ao desencanto que a modernidade causou frente às promessas iluministas de plena organização racional da sociedade. O descrédito das teorias totalizadoras e a valorização das análises parciais, fragmentadas, pode ter consequências políticas e epistemológicas

⁴ Por modernidade tardia designamos o período histórico iniciado a partir da segunda metade do século XX.

profundas e chegar a um novo pragmatismo político e a um empirismo teórico.

O agir social, o agir econômico dos homens abre livre curso para forças, tendências, objetividades, estruturas, etc., que nascem de certo exclusivamente da práxis humana, mas cujo caráter resta no todo ou em grande parte incompreensível para quem o produz (Lukács, 1979, p.52).

Acreditamos ser imprescindível resgatar da teoria marxiana⁵ as categorias de totalidade e práxis, como ferramentas para a construção do conhecimento sobre os processos sociais. A adesão de Lukács à proposta metodológica de Marx possibilitou uma abordagem das questões postas no cotidiano moderno a partir de uma perspectiva de totalidade dialética. Este é o ponto central da riqueza teórica da obra de Lukács.

A maior mobilidade do indivíduo nas diferentes esferas sociais, o crescente número de novos interesses postos no cotidiano e a pressão imprimida à vida urbana, leva a uma relativa despreocupação com a causalidade dos processos constituintes da ordem social. Interessa ao homem do cotidiano aquilo que lhe é útil e prático, inclusive no plano das atividades mentais. A necessidade do homem do cotidiano de buscar respostas práticas, é condicionada pelas circunstâncias sociais, que lhe cobram respostas imediatas. O homem do cotidiano é o homem que dá respostas. Porém, esse processo não pode, de forma alguma, ser absoluto, dada a própria diversidade da sociedade moderna. Assim, a transcendência do cotidiano, também, é uma das tarefas que se coloca aos homens, como necessidade prática de nele atuar e de elevá-lo a um nível mais informado. A superação da superficialidade empírica do cotidiano é uma tarefa que os homens realizam ao adotarem uma postura reflexiva frente à vida cotidiana. É pelo distanciamento reflexivo frente ao cotidiano, que o homem o compreende e analisa. Assim, a ciência é a esfera privilegiada para a suspensão temporária do cotidiano, à medida que permite indagar sobre a causalidade dos fenômenos. Ao indagar sobre a causalidade dos fenômenos não negamos a esfera cotidiana, apenas nos afastamos dela, na atividade reflexiva, para poder entendê-la melhor.

⁵ Seguindo a distinção colocada por Netto, marxiana é a teoria social de Marx, marxista é a produção dos diferentes autores que interpretam Marx. NETTO, José Paulo. *Capitalismo e Reificação*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

Porém, essa evolução não é possível senão porque o pensamento humano supera a imediaticidade da cotidianidade no sentido dito, ou seja, porque se supera a conexão imediata entre o reflexo da realidade, sua interpretação mental e a prática, com o que, conscientemente coloca-se uma série crescente de mediações entre o pensamento - que assim chega a ser propriamente teórico - e a prática. Somente graças a este ato de superação pode abrir-se um caminho desde o materialismo espontâneo da vida cotidiana para o materialismo filosófico (Lukács, 1963, p.50).

A superação da imediaticidade do cotidiano não é algo definitivo, senão, momentâneo e referente a uma esfera da vida social. O homem que, através das objetivações humano-genéricas, transcende o cotidiano é um homem que também possui o seu nível elementar de vida cotidiana. A suspensão temporária do cotidiano, que leva o indivíduo a colocar-se frente às questões humano-genéricas, é um processo que prevê uma necessária ligação com as necessidades da vida cotidiana.

O enriquecimento⁶ da espécie humana é um processo histórico onde existe uma contradição entre os níveis de desenvolvimento da espécie, às custas do sacrifício de muitos indivíduos. Todo o desenvolvimento das forças produtivas levou a um processo de enriquecimento das potencialidades humanas, embora não tenha enriquecido, na mesma proporção, todos os indivíduos humanos.

Esta hoje em moda ironizar a idéia de progresso, e utilizar as contradições que todo desenvolvimento necessariamente provoca, com a finalidade de desacreditar o progresso no plano científico, ou seja, de considerar o progresso (...) como um juízo de valor subjetivo. Mas o estudo ontológico do ser social mostra que só de modo bastante gradual, passando por muitíssimas etapas, é que suas categorias e relações adquiriram o caráter de socialidade predominante (Lukács, 1979, p.53).

O progresso a que Lukács se refere é o do nível ontológico do ser social. Pensar a humanidade como um processo de desenvolvimento de potencialidades é resgatar a historicidade que lhe é inerente. O homem não foi sempre assim como o conhecemos hoje, ele assim se tornou, através dum longo processo de desenvolvimento da espécie. Pensar numa humanidade já pronta è pensar numa perspectiva

⁶ Enriquecimento no sentido do desenvolvimento de suas potencialidades, da sua cultura e da civilização.

que desconsidera a história.

Todo processo de complexificação do ser social, realizado graças ao desenvolvimento de suas objetivações, faz com que o cotidiano de cada sociedade, nos diferentes momentos históricos, tenha especificidades próprias, colocadas pela cultura, costumes e valores, embora persistam aspectos estruturais do pensamento e do comportamento cotidiano.

Apesar de toda complexidade das objetivações científicas, persiste a relação de imediaticidade, própria da estrutura do pensamento e do comportamento cotidiano. Seria impossível um tipo de comportamento que suprimisse essa relação de imediaticidade posta no cotidiano. Se, para cada ação realizada, o homem tivesse que pensar reflexivamente sobre sua causalidade e processualidade, o nível de funcionamento do cotidiano seria afetado e correria o perigo duma "paralisia reflexiva".

A maioria dos processos cognitivos do cotidiano funciona através da analogia. O conhecimento básico da vida cotidiana se constrói através das analogias.

Que um número cada vez maior de enunciados científicos corretos fundamente a prática da cotidianidade e chegue a ser nela um costume, não altera em nada a estrutura da mesma. Na margem desses hábitos tomados da ciência, a analogia e a inferência analógica seguem florescendo quando se trata de fenômenos subjetivamente não resolvidos, e determinam o comportamento e o pensamento da cotidianidade (Lukács, 1963, p.55).

O resgate do real pelo pensamento, a construção do conhecimento para a perspectiva materialista histórica, pressupõe o processo de identificação de categorias a partir da realidade analisada. A primazia do real frente à consciência refere-se ao fato de que a realidade material é anterior à consciência. Conforme Lukács analisa, pode existir ser sem consciência, porém, não existe consciência sem o ser. Frente a esta questão, o resgate da realidade pela consciência humana requer um nível de objetivação e de certeza que tem graduações diferentes nas esferas das atividades científicas, artísticas e da vida cotidiana, embora partam sempre da mesma e unitária realidade.

O materialismo dialético não considera as categorias como resultado de alguma enigmática produção do sujeito, senão como formas constantes e gerais da realidade objetiva mesma (Lukács, 1963, p.57).

Nas ciências sociais, devido às características eminentemente políticas da ação humana, a análise dos processos de objetivação social é uma complicada tarefa que precisa de suportes históricos e filosóficos para produzir um nível de conhecimento satisfatório, porém, sempre inacabado.

Existem muitas questões sobre a ação humana que são incompreensíveis na esfera da relação imediata do cotidiano. A racionalidade da ordem burguesa só é acessível à razão humana através dum processo reflexivo e dum metodologia que incorpore a contradição presente no real.

A vida observada pelo prisma da cotidianidade aparece como um complexo carente de sentido, e, muitas vezes, apenas compreendida sob a perspectiva dum transcendentalismo místico. Ao homem comum, as ações humanas aparecem desprovidas do seu caráter histórico. As instituições, que funcionam na vida cotidiana, aparecem marcadas por uma exterioridade, anterioridade e superioridade frente ao indivíduo. Vemos que este modo de perceber a vida social influenciou alguns enfoques positivistas nas ciências humanas. O caráter enigmático da realidade começa a ser desvendado quando o pensamento reflexivo consegue capturar a lógica do movimento presente no real.

As categorias não somente têm uma significação objetiva, senão também, uma história objetiva e subjetiva. História objetiva, porque algumas categorias pressupõem um determinado estado de evolução do movimento da matéria (...). A história subjetiva das categorias é a do seu descobrimento pela consciência humana (Lukács, 1963, p.58).

Foi preciso um nível de desenvolvimento das forças produtivas, para que o trabalho humano chegasse a ter as características do trabalho social e, que a produção pudesse ser organizada a partir das leis do mercado. Assim, somente após esse processo histórico, evidenciaram-se as categorias presentes na ordem burguesa, e, portanto, para que essas categorias fossem elaboradas como conhecimento teórico, além de estarem presentes no real, foi necessário que elas se tornassem presentes na consciência dos homens.

A sociedade moderna, pela sua dinâmica, está sempre sendo questionada. A contestação é o modelo de ação que mais se evidencia nos tempos modernos. A emergência dos sujeitos (coletivos ou não) e a legalidade do direito à diferença, desencadeia, a luta por no-

vos interesses e a criação de novas necessidades. O esvaziamento das tradições e a carência de relações humanas mais profundas e duradouras, em muitos casos, podem levar às “coqueluches” coletivas. Surgem novos focos de interesses, claramente explorados pelas mídias, onde os indivíduos buscam identificação. Como exemplo podemos citar o fanatismo pelo futebol, ou por outros esportes ou atividades que mobilizam grandes massas humanas. Pergunta-se: o que leva esses cidadãos comuns, indivíduos da modernidade, ao fanatismo das torcidas de futebol que se embatem violentamente, apenas sob o pretexto dum jogo de bola? Como atua no cotidiano dessas pessoas essa mobilização coletiva? O cotidiano é o espaço da busca dos interesses mais imediatos, onde o alívio da tensão duma vida urbana pode adquirir várias características.

A comunicação humana, no nível do cotidiano, é aquela que se prende à prática imediata do homem. Nessa comunicação, mesmo construída através das diversas mediações postas pela cultura, valores, ciência, etc., o que aparece é o uso prático da linguagem.

A linguagem da cotidianidade apresenta uma peculiaridade: ser um complicado sistema de mediações, a respeito do qual o sujeito que o usa comporta-se, sem dúvida, de um modo imediato (Lukács, 1963, p.59).

A linguagem falada, visual e o simbolismo da moderna sociedade é, sem dúvida, fruto dum desenvolvimento histórico, porém, apropriado de forma imediata nos processos cotidianos.

A grande simplificação que introduz a linguagem nas relações do homem com o mundo e dos homens entre si, sua função promotora da cultura e tendente para o futuro, esta intimamente unida com esse comportamento imediato do sujeito individual (Lukács, 1963, p.62).

O poder da comunicação na sociedade moderna, foi incrementado pelo avanço tecnológico, cujo resultado prático foi, entre outros, a comunicação de massa. A interligação do planeta pelos satélites, o poder da informação, generalizou valores e anseios. O homem inteiro⁷ do cotidiano, na sociedade moderna tardia, tem, na sua rotina

⁷ Conforme NETTO, 1987, p.68-69, o homem inteiro é aquele que atua no nível da singularidade, coloca todas suas forças e energias nas diferentes esferas do agir cotidiano, sem superá-lo através da transcendência para o nível da universalidade.

de vida, a incorporação dos valores produzidos e veiculados através da comunicação de massa.

A fragmentação do homem, nas diversas esferas da vida social, tem relação com o processo de alienação. A alienação do homem na esfera da produção capitalista, o não pertencer a si, enquanto produtor, é um fenômeno presente na sociedade moderna, obscurecido pela imediatividade do pensar e agir práticos do cotidiano.

A comunicação de massa favorece o processo de alienação na medida em que amplia a heteronomia na vida cotidiana, embora esse processo não seja imediatamente percebido pelos homens.

Fatores psíquicos do homem moderno parecem adquirir legalidades próprias, independentes da sociedade na qual esses homens vivem. São, freqüentemente, vistos como características da “essencialidade humana” e, portanto, aparecem deslocados da historicidade humana.

Só um pleno esclarecimento dos fundamentos sociais pode fazer compreensível o homem como totalidade, a inseparabilidade de suas forças físicas e psíquicas (Lukács, 1963, p.67).

É na prática social dos homens, construída historicamente, e na análise a partir de seu nível elementar, a vida cotidiana, que se encontram os fundamentos da realidade social. Assim, as objetivações realizadas pela ciência e pela arte nascem das necessidades da vida cotidiana e para elas se voltam.

A dialética de uma tal contraditoriedade entre a cotidianidade por uma parte e a ciência ou a arte por outra, é sempre uma dialética histórico-social (Lukács, 1963, p.77).

Na prática objetiva dos homens, nas diferentes circunstâncias históricas, suas ações a partir de motivações singulares, leva em si essas ações para além do planejado individualmente. A sociedade é a síntese desse processo de ações individuais que, no seu desenvolvimento histórico, tem uma lógica que transcende aos indivíduos vistos isoladamente. No embate entre interesses individuais, circunstâncias sociais e causalidades objetivas, a ação humana sempre busca transpor os limites postos pela natureza e pela sociedade. É no cotidiano que nascem novas necessidades e que se impulsiona a busca de condições que as satisfaçam, levando a uma constante superação das objetivações científicas e artísticas.

Se há que superar de verdade uma ciência (ou arte) inconciliável já com as necessidades da vida, tem que nascer dessa negação espontânea um novo tipo de ciência (ou arte), é dizer, há que abandonar outra vez o terreno da vida cotidiana (Lukács, 1963, p.77).

É preciso transcender a relação imediata da teoria e prática do pensamento cotidiano para poder superá-lo. A incorporação de mediações entre o pensar e o agir, é resultante do conhecimento das leis do movimento presentes na realidade, o que, necessariamente, se faz através da atividade reflexiva e crítica da teoria.

Esta contraditoriedade afirma pois que o ininterrupto fluir, para cima e para baixo, que vai da cotidianidade para a ciência e a arte e vice-versa, é necessário, é uma condição do funcionamento do movimento progressivo das três esferas vitais. Se expressa também nesta contraditoriedade o fato de que os critérios de verdade do reflexo, são antes de tudo, de conteúdo, ou seja, que a correção, a profundidade, a riqueza, etc., consiste na concordância com o original, com a realidade objetiva mesma (Lukács, 1963, p.82/83).

Aprender a realidade objetiva mesma, é a tarefa colocada para o conhecimento humano. O caráter de inacabamento, presente no processo do conhecimento, deve-se às modificações da realidade a partir de sua dialeticidade, onde a contraditoriedade e a superação figuram lado a lado.

Foi a partir do trabalho que o homem realizou as mediações entre as necessidades e sua satisfação. Este processo aparece de forma acabada no cotidiano, ocultando o desenvolvimento das múltiplas mediações e determinações que compõem a realidade social.

Foi através do processo do trabalho, considerado sob o ponto de vista ontológico, que se colocou a relação sujeito/objeto e, através desta relação, abriu-se as possibilidades da ação humana sobre o objeto.

A cotidianidade tende a transformar o mundo das mediações já conquistado, num novo mundo de imediaticidade. Isto impulsiona a descoberta de novas conexões e legalidades (Lukács, 1963, p.90).

A obviedade, presente nas atividades cotidianas, incorpora o saber acumulado e descoberto pela ciência, trabalho e a arte, de forma imediata, sem percorrer ou pelos menos ter consciência do caráter das mediações que estas atividades incorporaram, através dum longo

processo de desenvolvimento.

As mediações culturais presentes na sociedade são incorporadas ao cotidiano das pessoas como pressupostos válidos para suas vidas, naturalizando uma relação que é histórica. A riqueza do desenvolvimento humano, na sociedade moderna, passa a sofrer as determinações da lógica do mercado capitalista, padronizando comportamentos e pasteurizando a diversidade cultural. Tudo é venal, tudo é troca no sentido de apropriação, de alargamento da ocidentalização do mundo, como nos coloca Kenichi Ohmae (1996), há uma “californização do gosto”.

A linguagem, como um produto do desenvolvimento humano, também é apropriada, de forma imediata no cotidiano. Assim, a linguagem usada no cotidiano coloca a relação homem/mundo de forma imediata dificultando aflorar, no plano da consciência, todo o processo que o conceito desenvolveu para estabelecer a nomenclatura do mundo.

A passagem da representação ao conceito prevê um nível de apreensão da realidade pelo pensamento, e a comunicação possibilita que esse conhecimento se torne acessível à sociedade.

A prática cotidiana, através da incorporação de saberes, valores e normas, desenvolve-se de forma não reflexiva, sem consciência do conjunto de mediações existentes, numa postura de reação imediata às circunstâncias vividas.

O inicialmente consciente, por converter-se em elemento da prática social cotidiana, transforma-se em algo já não consciente (...). A inconsciência espontânea e imediata da vida cotidiana é, como tal, um fenômeno social (Lukács, 1963, p.96).

O nível de complexidade da sociedade levou ao surgimento de normas, valores e regras. A idéia de que as normas, valores e regras sociais são compartilhados por todos, como se o “bem comum” fosse possível sem haver conflitos, oculta a natureza das contradições da sociedade capitalista. O trabalho de organização do mundo social não se dá de forma plácida, senão, através da luta de interesses que se opõem, o que, na sociedade moderna, Marx definiu como luta de classes.

A base de estruturação de uma organização social está intimamente relacionada às atividades produtivas dessa sociedade. Quan-

do gerou-se, na história da humanidade, um nível de acumulação de riquezas onde um homem pode explorar outros homens, evidenciaram-se as contradições das ações humanas e a luta de classes.

A dominação não é um processo imediato; para que ela se tornasse possível, foi necessário o desenvolvimento de inúmeras mediações no processo de organização social e na instrumentalização da natureza para os fins da dominação.

A dominação também é um processo histórico; a modernidade sofisticou-se e usa de um arsenal tecnológico capaz de criar motivações através da mídia e da propaganda que favorecem os processos de dominação sem que isso se torne perceptível, na esfera cotidiana, como um problema reflexivo. Muitos teóricos já falaram sobre o cotidiano administrado, onde o homem fica muito parecido com um autômato, a dominação sutil penetra nos padrões de comportamento e de pensamento favorecendo a alienação do homem. Não acreditamos que o processo de dominação seja absoluto, pois é próprio da realidade social tanto a superação e a negação do real, quanto a busca de novas possibilidades. O que ressaltamos é o fato do processo de dominação ser o resultado de um complexo sistema de mediações que se apresenta na esfera cotidiana de forma imediata, ocultando toda a sua historicidade, portanto, também, sua transitoriedade.

II) Cotidiano, ciência e arte: uma falsa dicotomia?

Lukács denuncia em sua obra o desprezo da ciência burguesa em compreender o cotidiano, visto como um espaço “do não saber”. A sociedade moderna firmou-se a partir da razão, assim, o saber científico ganhou um estatuto de saber válido, levando a colocar em segundo plano o saber espontâneo do cotidiano.

Até o presente, a teoria do conhecimento tem se preocupado muito pouco com o pensamento vulgar cotidiano. É essencial da atitude de toda epistemologia burguesa, e antes de tudo da idealista, o remeter, por um lado, todas as questões genéticas do conhecimento à antropologia, etc., e o não estudar, por outro lado, mais que os problemas das formas mais desenvolvidas e puras do conhecimento científico (Lukács, 1963, p.33).

Ao despreocupar-se com o cotidiano, seu saber e suas formas de agir, a epistemologia⁸ burguesa registrou uma cisão entre as esferas do saber cotidiano e as esferas do saber científico. Porém, o que é a ciência se não uma necessidade surgida da própria práxis humana cuja base de realização se dá a partir do cotidiano da vida social dos homens?

Lukács foi enfático ao afirmar que: “não há homem sem vida cotidiana”. Esta afirmação que nos parece refletir o óbvio, é uma verdade que precisa ser ouvida com cuidado, pois o conhecimento científico e as objetivações da arte não são construídos de forma isolada da vida cotidiana.

A sociedade moderna é o período histórico onde o saber científico triunfa, inclusive na busca de compreender as relações humanas. A modernidade é o período histórico de ascensão do indivíduo. É através da dinâmica da sociedade moderna que se torna imprescindível entender a vida cotidiana dos homens, seus processos de atuação política/social e suas possibilidades.

Entender o indivíduo e o cotidiano não é negar as determinações histórico/estruturais mas, ao contrario, é buscar entender como se dão essas determinações nesta esfera essencial da vida. E ao preocupar-se pelo cotidiano já está colocada, também, a preocupação pelos sujeitos que atuam neste cotidiano, ou seja, os indivíduos. Pois, assim como não há sociedade sem vida cotidiana, não há classes, não há grupos, sem indivíduos.

A vida humana nos tempos modernos adquire uma complexidade e dinâmica firmada na divisão sócio-técnica do trabalho, e, esta divisão surgida inicialmente no processo do trabalho estende-se para todas as esferas da vida social. À medida que a estrutura social se torna mais complexa, os ramos da produção social diversificam-se e a estratificação dentro das duas grandes classes sociais (capital e o trabalho) assumem novas proporções. As esferas da arte, a cultura, os diferentes saberes, todas as dimensões da vida social também se tornam mais complexas.

⁸ Para a discussão de Epistemologia, ver: RABUSKE, Edvino. *Epistemologia das Ciências Humanas*. Caxias do Sul: EDUCS, 1987. Segundo este autor: “A epistemologia é um ramo da Teoria do Conhecimento. Já supõe as ciências existentes. A sua tarefa principal é a reconstrução racional do conhecimento científico” (p.20).

Na sociedade capitalista, devido ao processo de alienação, fica obscurecida a essência dos processos sociais. Lukács denominou de reificação o processo social onde os homens estabelecem relações sociais através das coisas, ocultando o caráter genuinamente humano da produção social. Para Marx, o fetichismo da mercadoria decorre do caráter social do trabalho na sociedade capitalista. **“Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”** (Marx, [1867] 1984, p.81).

A ciência é a forma de saber característica dos tempos modernos que, a partir do Renascimento, marca toda a cosmovisão da sociedade, suplantando o saber religioso e mítico, alargando as fronteiras da natureza conhecida. A ciência deu aos homens o poder de instrumentalizar a natureza, que foi reduzida a objeto da atividade científica e posta a serviço das necessidades da produção social.

O saber científico adquiriu um status privilegiado no mundo moderno, marcado pela distância que se coloca frente ao conhecimento não científico. Lukács afirma, negando toda essa (pseudo) separação entre o saber científico e o não científico, que:

Os reflexos científicos e estéticos da realidade objetiva são formas de reflexos que se tem constituído e diferenciado, cada vez mais finalmente, no curso da evolução histórica, e que tem na vida real seu fundamento e sua consumação última. Sua peculiaridade se constitui precisamente na direção que exige o cumprimento, cada vez mais preciso e completo, de sua função social. Por isso, na pureza - surgida relativamente tarde - em que descansa sua generalidade científica ou estética, constitui os dois pólos do reflexo geral da realidade objetiva; o fecundo ponto médio entre esses dois pólos é o reflexo da realidade própria da vida cotidiana. (Lukács, 1963, p.34).

O cotidiano é o nível da reprodução dos indivíduos, e que tem em si, todas as determinações históricas como solo imediato da ação desses indivíduos. A relação entre fenômenos sociais e sua essência não pode ser tratada ignorando-se a vida cotidiana, embora, a compreensão teórica dos fenômenos que ocorrem nesta esfera da vida humana não sejam, imediatamente, captados pelo homem do cotidiano.

Já na vida cotidiana os fenômenos freqüentemente ocultam a essência do seu próprio ser, ao invés de iluminá-la. Em condições

históricas favoráveis, a ciência pode realizar uma grande obra de esclarecimento nesse terreno, como acontece no Renascimento e no iluminismo. Podem, todavia, se verificar constelações históricas nas quais o processo atua em sentido inverso: a ciência pode obscurecer, pode deformar indicações ou mesmo apenas pressentimentos justos da vida cotidiana (Lukács, 1979, p.25).

A dialeticidade descrita por Lukács leva a uma interpretação que coloca o cotidiano como polo central da história humana, diferente das interpretações mecanicistas, que ora priorizam o cotidiano porém caem num puro empirismo ou baseísmo, ou das interpretações que procuram na erudição fugir do contato contaminador do cotidiano vulgar. Lukács identifica uma relação eminentemente dialética do cotidiano com a ciência e a arte. Esta dialeticidade é sempre posta em busca de uma constante superação do cotidiano porém, sem nunca desconsiderá-lo.

A pureza do reflexo científico e estético se diferencia, por uma parte tangentemente das complicadas formas mistas da cotidianidade, e, por outro lado, vê sempre como se transpõe essas fronteiras, porque as duas diferenciadas formas de reflexo nascem das necessidades da vida cotidiana, tem que dar respostas a seus problemas e, a envolver e mesclar muitos resultados de ambas com as formas de manifestação da vida cotidiana, face a esta mais ampla, mais diferenciada, mais rica, mais profunda, levando-a constantemente a superiores níveis de desenvolvimento (Lukács, 1963, p.35).

O cotidiano é o solo onde nasce a práxis histórica da humanidade. A história humana não pode ser considerada apenas pelas objetivações mais puras e refinadas, desconsiderando-se o nível elementar da reprodução do homem, o cotidiano.

A postura teórica adotada por Lukács privilegia a busca da compreensão do cotidiano a partir de uma suspensão momentânea da própria cotidianidade. É preciso afastar-se do cotidiano para poder entendê-lo teoricamente, sabendo-se, porém, que este afastamento não o elimina. A unidade material do mundo, a unidade da realidade social é ponto passivo da análise que assim, não tem como premissa uma hierarquização do real.

Se queremos estudar o reflexo na vida cotidiana, na ciência, e na arte, interessando-nos por suas diferenças, temos que recordar sempre claramente que as três formas refletem a mesma realidade. O materialismo dialético considera, ao contrário do idealismo, a unidade material do mundo como um fato indiscutível. Todo reflexo

é, portanto, dessa realidade única e unitária. (Lukács, 1963, p.35/36).

Assim, as objetivações⁹ que marcam a história humana nascem da vida cotidiana. A arte como uma forma de refletir a realidade é sempre uma interpretação dessa realidade e cujo significado se volta para a própria vida real. As produções artísticas, as obras de arte, refletem a consciência histórica da humanidade, expressões da vida, captadas pelo artista, através da sensibilidade humana desenvolvida historicamente. Só o homem produz arte, essa atividade é um atributo humano desenvolvida a partir da sua práxis histórica.

Lukács, enquanto materialista, refuta toda concepção idealista da história cuja essência seria uma teleologia dada a priori e que marcaria a práxis humana com um sentido específico. A teoria materialista nega a idéia de destino¹⁰, colocando o conceito de práxis como o ponto basilar de toda análise sobre a sociedade humana. A práxis tem na categoria trabalho o seu eixo de desenvolvimento.

O homem é um ser cuja essência é construída na sua ação histórica. Lukács trabalha com o conceito de ser social a partir de Marx, centralizando a categoria trabalho.

As formas de objetividade do ser social se desenvolvem, à medida que surge e se explicita a práxis social, a partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, porém, é um processo dialético, que começa com um salto, com o pôr teleológico do trabalho, não podendo ter nenhuma analogia na natureza. (...) Com o ato da posição teleológica do trabalho, temos em si o ser social (Lukács, 1979, p.17).

A vida prática, o nível imediato da ação humana é parte da práxis ontológica do ser social, que incorpora o seu saber através de diferentes mediações, tais como a arte e a ciência. **“A ciência se desenvolve a partir da vida; e, na vida, quer saibamos e queiramos ou não, somos obrigados a nos comportar espontaneamente de**

⁹ Objetivações são os resultados da ação intencional do homem, realizadas através do trabalho, da arte, do saber e da cultura. Como exemplos: o trabalho humano objetiva-se nos seus produtos. O saber religioso objetiva-se no comportamento do homem que segue sua fé, nas regras que cria e cumpre, nos ritos que realiza.

¹⁰ Marx elabora a crítica ao idealismo de Hegel, contrapondo a teoria materialista como pressuposto para compreender a história humana. Hegel trabalha com a noção de totalidade circular, onde o ser busca reencontrar-se com a idéia absoluta, cumprindo assim o seu destino. Ver o texto “Fenomenologia do espírito”, de Hegel.

modo ontológico” (Lukács, 1979, p.24).

Para Lukács, um dos fatores que dificulta o tratamento teórico do cotidiano é a sua heterogeneidade. “A dificuldade principal consiste talvez que na vida cotidiana não se conhece objetivações tão fechadas como a ciência e a arte. Isto não significa que careça totalmente de objetivações. A vida humana, seu pensamento, seu sentido, sua prática e sua reflexão, são inimagináveis sem objetivações” (Lukács, 1963, p.39).

A fluidez do cotidiano, o caráter de normalidade estabelecida como condição para que os homens se movam com segurança e certeza, só adquire um caráter problemático quando se põe frente a essa normalidade a tarefa reflexiva. Os homens que se movem presos ao cotidiano, a sua rotina e ordem “natural”, atuam através de uma certeza empírica e, nem sempre, percebem a problematicidade de suas próprias vidas. O cotidiano é o reino da representação e da apresentação. Como momento vivido e nem sempre refletido, o cotidiano abre um campo de mistificações, ao mesmo tempo em que denuncia a mais concreta realidade. É no cotidiano que conhecemos as reais possibilidades e limites de nossas ações, desejos e necessidades, bem como, a capacidade de realização de nossos projetos.¹¹

III) Cotidiano e produção social

A instrumentalização da natureza e a exploração dos recursos naturais, a partir do conhecimento científico, possibilitou a instrumentalização e exploração do homem pelo homem. O trabalho, enquanto dimensão essencial da práxis humana, é a atividade que não apenas humanizou a natureza, mas também humanizou o próprio homem.

No momento em que Marx faz da produção e da reprodução da

¹¹ Conforme Marx colocou na Ideologia Alemã: “A questão de saber se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é uma questão teórica, mas prática. É na praxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno de seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não-realidade do pensamento isolado da praxis - é uma questão puramente escolástica.” (MARX; ENGELS, 1991, p.12).

vida humana o problema central, surge - tanto no próprio homem como em todos os seus objetos, relações, vínculos, etc. - a dupla determinação de uma insuperável base natural e de uma ininterrupta transformação social dessa base. Como sempre ocorre em Marx, também nesse caso o trabalho é a categoria central, na qual todas as outras determinações já se apresentam in nuce (Lukács, 1979.p.16).

Na sociedade humana, com a mercantilização da mão-de-obra, sob a forma de trabalho assalariado, transformaram-se as hierarquias sociais. A modernidade é profana, à medida que aboliu as hierarquias sociais construídas nos tempos pré-modernos, pela tradição, religião e herança. Na modernidade as hierarquias sociais são definidas, essencialmente, a partir da estrutura produtiva, dentro de um processo de complexificação da sociedade humana e do próprio ser social.

O cotidiano da modernidade é marcado pelo utilitarismo pragmático. Na esfera da produção social capitalista o valor de troca das mercadorias sobrepõe-se ao valor de uso, sem eliminá-lo, pois o valor de uso é a base para o valor de troca. Assim, é a reprodução do valor que comanda a produção capitalista e não, a satisfação das necessidades humanas. A inversão que ocorre na esfera da produção social leva a um processo onde as coisas adquirem caráter social e os homens contraem relações materiais entre si. É através da produção social que se reproduzem os homens.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material (Marx; Engels, 1991, p. 27).

Ao partir do paradigma do trabalho, como fonte de humanização, chega-se à própria questão das formas do trabalho nos diferentes momentos da história humana, o paradigma da produção.

“O trabalho não pode produzir-se senão como um ato teleológico” (Lukács, 1963, p.39). Ao estabelecerem finalidades para suas ações, os homens as racionalizam e tornam-se sujeitos que atuam sobre as causalidades objetivas postas pela natureza e sobre circunstâncias sociais.

O momento essencial do trabalho moderno se deu a partir

da socialização da produção, a criação do trabalho coletivo, que desencadeou um esplêndido desenvolvimento das forças produtivas.

O cotidiano moderno é marcado, essencialmente, pela dinâmica da produção, o homem tem que agir de acordo com as necessidades da produção e os imperativos que o mercado coloca para a plena realização do processo produtivo, desde a produção ao consumo.

É o homem que se volta para as necessidades da produção e não a produção que objetiva suprir as necessidades do homem. O objetivo da produção capitalista é a própria produção, a recriação da produção em escala ampliada e cuja base de sustentação é a dominação do capital sobre o trabalho. A mais-valia é mistificada no cotidiano da produção através do caráter de plena legalidade e normalidade do regime de propriedade privada dos meios de produção e apropriação dos produtos do trabalho produtivo. Trabalho produtivo é aquele que gera valor, segundo Marx, gera mais-valia. A forma salário, incorporada ao cotidiano das sociedades modernas, é vista como condição normal de realização do trabalho e, quando questionado, no nível do cotidiano, na verdade não o é pela sua legalidade e sim pelo seu preço, o valor do salário.

A complexidade do processo produtivo do capitalismo mundial, na sua fase de transnacionalização, coloca o indivíduo de forma impotente frente a uma força que parece nascer de outra esfera. Existe uma espécie de supra-racionalidade cuja morada é um lugar incerto chamado mercado mundial, que consegue interferir no cotidiano de cada um dos "impotentes" indivíduos.

O cotidiano informatizado do final deste século, reino da propaganda e do consumo dirigido, apresenta-se como palco de embates entre os anseios criados pelas expectativas de sucesso, felicidade, riqueza e os limites concretos que a lógica produtiva do capital coloca. Quando se define o mercado e seus produtores, e define-se o mundo a partir das fatias dos monopólios designados a explorá-los, define-se, também, uma série de condições concretas para as pessoas que vivem nessas fatias do mundo.

A diminuição do tempo de trabalho¹², a partir do incremento tecnológico, é uma realidade visível na composição do capital constan-

¹² A produtividade do trabalho humano, sob a lógica do capital, não serve como fator de libertação e sim, de condenação da sociedade ao medo do desemprego e da crise social.

te que diminui relativamente o capital variável e, que vai refletir nas formas de ocupações marginais ou informais da economia, afetando todo cotidiano das sociedades modernas.

A criação de expectativas de consumo e de conquista de direitos mobiliza novas posturas políticas e, neste embate, surgem novas esferas de requisições que colocam o Estado, gendarme desta ordem social, no centro das atenções dos reclamantes modernos. Há sempre uma crescente demanda da sociedade, que não é atendida plenamente, gerando pontos de tensão.

Os direitos políticos da modernidade criam uma nova dinâmica social e, ao mesmo tempo, consolidam sua base de sustentação quando deslocam os conflitos da relação capital/trabalho para a questão entre Estado/Sociedade civil, dificultando a identificação do imbróglio da própria modernidade.

O ponto central da organização social, que parece ser localizado na racionalidade do Estado, na verdade, tem seu *locus* privilegiado na estrutura produtiva. Não queremos com isso colocar a economia como o determinante absoluto da sociedade, porém, indicamos que:

...o econômico e o extra-econômico convertem-se continuamente um no outro, estão numa ineliminável relação recíproca, da qual porém não deriva, (...) nem um desenvolvimento histórico privado de leis e irrepetível, nem uma dominação mecânica "imposta por lei" do econômico abstrato e puro. Deriva, ao contrário, aquela orgânica unidade do ser social, na qual cabe às leis rígidas da economia precisamente e apenas a função de momento predominante (Lukács, 1979, p.44).

Embora, o momento econômico seja predominante na sociedade capitalista, na vida cotidiana dos indivíduos, devido à multiplicidade de interesses que os movimentam, nem sempre o econômico é percebido como o momento predominante.

O cotidiano é heterogêneo e múltiplo, nele ocorre uma relação de imediaticidade prática que mobiliza no homem todas suas forças, porém, não toda a sua força. É através das objetivações mais homogêneas como a ciência e a arte, que se pode suspender e transcender a heterogeneidade do cotidiano. É nestas objetivações que o homem coloca toda a sua força. No cotidiano, o homem age a partir das necessidades práticas e busca respostas imediatas. Todas as mediações entre a teoria e a prática ficam ocultadas pela imediaticidade do cotidiano. Outro traço essencial do ser e do pen-

sar cotidiano é a vinculação imediata da teoria e da prática (Lukács,1963, p.45).

O real nos aparece como resultado. O empirismo da relação imediata do indivíduo no cotidiano obscurece as mediações essenciais que atuam na construção do real. Tudo parece dado, e o saber utilitário precisa apenas do conhecimento instrumentalizador que coloque os indivíduos em condições de manipularem os resultados da ciência, do trabalho social e da arte, presentes na vida cotidiana. As determinações históricas dos fenômenos são ocultadas pela sua representação pragmática, imediata.

O saber prático utilitário da vida cotidiana. Isto é um produto da divisão capitalista do trabalho (Lukács,1963,p.45).

Embora as objetivações como as que ocorrem na arte e na ciência, tenham por objetivo social colocar mediações entre a natureza e o homem, e também nas relações dos homens em sociedade, essas mediações que enriquecem a práxis histórica, apesar de fazerem o cotidiano mais informado, não eliminam suas características estruturais. O cotidiano segue sendo o espaço da imediatividade, heterogeneidade e superficialidade.

As mediações, introduzidas no processo do trabalho, através do conhecimento científico, são resultados do processo de objetivação do real, do descobrimento das leis naturais pelo conhecimento humano, que assim as utiliza, segundo suas finalidades.

Existe no entanto, diferenças qualitativas entre os reflexos da realidade, entre suas elaborações mentais na ciência e na cotidianidade. Porém, essas diferenças não estabelecem uma dualidade rígida e insuperável (...) a diferenciação e, com ela, a independência - relativa - dos métodos científicos a respeito das necessidades imediatas da cotidianidade, sua ruptura com os hábitos mentais, produzem-se precisamente para melhor servir as ditas necessidades, com mais eficácia da que seria possível mediante uma direta unidade metódica (Lukács,1963, p.46).

As necessidades criadas pela dinâmica da sociedade de mercado sempre abrem possibilidades para novas formas de ações sociais. A pluralidade das demandas sociais é o resultado histórico do desenvolvimento da espécie humana. A população mundial cresceu de forma surpreendente nos dois últimos séculos e os inventos e a capacidade produtiva despertou forças criadoras, antes não imaginadas.

Frente a essa realidade, os fatores sócio-políticos-econômicos contrapõem-se. O crescimento populacional, a concentração de pessoas nos centros urbanos e a emergência de direitos políticos, requerem um crescente grau de otimização das condições de vida para a população. Os níveis de moradia, saneamento, transportes, empregos, escola, saúde, são requisições que os indivíduos põem à modernidade, embora a satisfação dessas necessidades cotidianas ocorra de forma desigual e insatisfatória para a maioria das populações do mundo. Desencadeiam-se movimentos reivindicatórios no cotidiano da modernidade articulando-se à luta pelos direitos sociais, políticos e civis. Ao inserir-se na luta social, os indivíduos podem transcender da singularidade para uma postura universal.

O cotidiano da modernidade é marcado pela luta política frente aos direitos da cidadania, embora a estrutura social da modernidade ainda seja definida pelas classes fundamentais - capital e o trabalho, com a subordinação do trabalho ao capital.

Enquanto não se alteram, essencialmente, as relações sociais de produção e, a origem da acumulação baseia-se na mais-valia, onde o mercado define a produção, a questão da cidadania não pode ser universalmente resolvida. A base da acumulação capitalista é a exploração. Porém, cabe indagar como isso reflete no cotidiano dos indivíduos, haja vista que em muitos países, a mais-valia absoluta foi totalmente substituída pela relativa. Como falar em luta de classes se o próprio conceito de classe parece muito volatilizado na consciência dos indivíduos?

O mundo capitalista continua tendo seus graves problemas, porém, a rede de comunicações e a complexidade do poder da mídia e da administração social parece deixar o cotidiano cada vez mais absorvido pela malha da imediatividade.

São tantas questões postas no cotidiano dos indivíduos que se torna difícil empreender-se, de forma profunda, em cada uma delas. Nos países do capitalismo periférico, onde as necessidades de pura sobrevivência são ainda a grande questão, como o caso do Brasil, pensar em política, arte, educação e cultura, é coisa inacessível para uma grande maioria de indivíduos, que gastam suas vidas apenas no árduo trabalho para a subsistência, presos ao mais elementar nível da reprodução biológica. Nesses casos, a suspensão do cotidiano, através das objetivações privilegiadas, como a ciência e a arte, é uma possibilida-

de remota para grande parte da população. As objetivações possíveis são aquelas do mundo do trabalho, onde desaparece no processo cotidiano toda rede de mediações que as compõe.

O enriquecimento do cotidiano através da incorporação das mediações criadas pela ciência e pela arte são fatores importantes para a transformação da própria vida social.

Considerações finais

Ao lado da instrumentalização do homem, ressurgem forças que se opõem a esse processo: a emergência da escolha “livre” passa a figurar como condição de cidadania. O desenvolvimento humano é um processo contraditório de criação das condições de autonomia.

O real é, em si, contraditório e, assim, o nível de alienação da vida humana sempre é questionado pelo surgimento de objetivações capazes de criticar essa vida alienada. A tarefa da teoria parece ser a constante crítica do real, entendendo-se crítica no sentido de desvelar os fundamentos da realidade e captá-la através de níveis cada vez mais rigorosos de objetividade. A questão central da teoria não é a constatação pura e simples do real, senão, a preocupação em alterar o real. “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (Marx; Engels, 1991, p.14).

Pensar o cotidiano, identificar nele as questões estruturais que o caracterizam é, também, duvidar da eternidade dessa estrutura. O cotidiano, tal como Lukács descreve, é marcado pela heterogeneidade, imediaticidade, superficialidade extensiva e um materialismo espontâneo. Pensar o cotidiano é encontrar nele a lógica de seu funcionamento e, através das categorias identificadas na análise lukacsiana, o mistério da cotidianidade parece mais inteligível. Porém, isso não resolve a complexidade desta esfera da vida humana, pois, se a estrutura básica do cotidiano já pode ser identificada, as variações histórico/sociais que atuam em cada situação singular, em cada sociedade, cobram sempre uma atividade reflexiva da consciência, para resgatar sua racionalidade.

O crescente número de mediações que a ciência, a arte e o trabalho criativo colocam na vida social possibilita um enriquecimento de informações para o cotidiano e, neste mesmo processo de apropriação imediata desses saberes, o cotidiano também se altera.

Podemos pensar que, ao longo de um processo histórico, o cotidiano permita ao homem uma interação mais completa entre o nível de desenvolvimento da espécie e a vida singular dos indivíduos. O cotidiano, nível elementar da singularidade, é também a base para uma transcendência desta perspectiva, numa mediação entre o particular e o universal. Não há homem numa postura universal que seja capaz de eliminar seu cotidiano. Assim, o enriquecimento do cotidiano, através da socialização do acesso às objetivações humano/genéricas, é uma possibilidade que está colocada no próprio cotidiano. A luta por democratização da cultura, da arte, da ciência e das condições de vida que permitam ao homem um enriquecimento espiritual, são lutas que se travam no cotidiano da modernidade.

É no entendimento do cotidiano, a partir da lógica da sociedade moderna, que a teoria poderá contribuir para a luta contra a alienação que esvazia o homem de sua existência, tendo claro que a dialética objetiva da realidade nos coloca sempre novas questões. O fato de não aceitarmos a vida enquadrada pela racionalidade burguesa, nas mais elementares tomadas de consciência frente a sua historicidade, já nos garante que a organização capitalista não é o ponto final da história humana. Sempre que se colocarem questionamentos frente à realidade social já se tem, na consciência humana, a evidência da transitoriedade destas relações humanas. O esgotamento das possibilidades humanas é uma tese que ainda não logrou sua prova histórica .

ABSTRACT

This paper is about the everyday life, supported by Lukacs' thinking. Lukács, a marxista theoretical, analysed in his book "Estética I", the relation between everyday life and art, science, magic and religion, using the work paradigm. The everyday life is considered social science area because its importance to modern society understanding.

KEY WORDS

everyday life, work, society

Costa, Lúcia Cortes da. *A estrutura da vida cotidiana: uma abordagem...*

REFERÊNCIAS

- LUKACS, George. **Estética I**. Grijalbo. Buenos Aires. 1963.
- _____. **Ontologia do ser social**. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Trad. COUTINHO, Carlos Nelson. Ed. Ciências Humanas. São Paulo, 1979.
- MARX, Karl. **O capital**. Livro 1. Vol. I. Trad. Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: Difel. 1984.
- MARX, Karl; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec, 1991.
- NETTO, José Paulo. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Ciências Humanas. 1981.
- NETTO, José Paulo; FALCÃO, Maria do Carmo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1987.
- OHMAE, Kenichi. **O fim do estado Nação**. A ascensão das economias regionais. Rio de Janeiro: Campus, 1996.